

CHORAR ATÉ “SACIAR-SE DO PRANTO”: MULHERES E HOMENS ENLUTADOS NOS ÉPICOS HOMÉRICOS CRYING UNTIL “SATIATED WITH TEARS”: GRIEVING WOMEN AND MEN IN THE HOMERIC EPICS

Camila Alves Jourdan⁴

Artigo recebido em 13 de maio de 2023

Artigo aceito em 02 de junho de 2023

Resumo: Homens e mulheres choram efusivamente nos épicos da tradição homérica. As emoções que são representadas e que são vivenciadas pelos personagens, dialoga com as experiências dos helenos. Neste sentido, o luto por um falecimento é constantemente retratado na Ilíada e na Odisseia. Em nosso artigo nos concentramos na análise da prática de enlutar-se de homens e mulheres, sobretudo no tempo despendido de prantear os falecidos.

Palavras-chave: Luto; Pranto; Épicos homéricos; Grécia Antiga.

Abstract: Men and women cry effusively in the epics of the Homeric tradition. The emotions represented and experienced by the characters in the Homeric tradition align with the experiences of the Hellenes. In this sense, mourning for a death is constantly represented in the Iliad and the Odyssey. Our article focused on analyzing the mourning practices of men and women, particularly the duration of mourning for the deceased.

Keywords: Mourning; Crying; Homeric epics; Ancient Greece.

Os épicos homéricos e as emoções suscitadas: muitas dores e sofrimentos

⁴ Pós-doutoranda pelo PPGH-UERJ, sendo bolsista FAPERJ Pós-doutorado Nota 10 (processo SEI – 200003/019527/2022). Pesquisadora do NEREIDA-UFF. E-mail: camilaajourdan@gmail.com . ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3493-5800>

As obras homéricas, *Ilíada* e *Odisseia*, apresentam uma ampla gama de temas explorados em sentidos literais e figurados. Na *Ilíada*, encontramos uma narrativa que retrata um conflito bélico entre os aqueus e troianos, destacando as ações de Aquiles e as consequentes mortes de muitos guerreiros. Por sua vez, a *Odisseia* apresenta o retorno de Odisseu, que enfrenta dificuldades com divindades e criaturas monstruosas. Além das narrativas literais, essas obras também abordam temas figurativos, incluindo a honra, identidade e memória por exemplo, todos sendo explorados em profundidade.

Ao nos embasarmos nas obras citadas, trataremos da presença das emoções na tradição homérica. A primeira palavra textualizada da *Ilíada* é “μῆνιν” (cólera, ira), uma emoção que é experimentada pelo herói Aquiles como um sentimento enraizado. Além disso, na *Odisseia*, os primeiros versos mencionam as “muitas dores amargadas/no mar” (HOMERO. *Odisseia* I, vv. 4-5) que são sentidas por um outro herói. Esses exemplos demonstram a notável presença de emoções na tradição homérica, onde diferentes emoções e sentimentos são experimentados pelos personagens e estimulados nos ouvintes dos aedos. Conforme apontado por Sabine Föllinger, a destinação do poema épico é a de provocar emoções. Nesse sentido, é possível inferir que a presença e a expressão de emoções são elementos fundamentais para a compreensão e a apreciação desses textos. “O fato de ter conseguido isso é visto no Período Clássico na crítica de Platão ao efeito estimulante dos poemas homéricos, que ele considerava prejudiciais para promover a masculinidade.” (FÖLLINGER , 2009, p. 17)

As emoções que são evocadas na tradição homérica são abundantes. Dentre elas destacamos o sofrimento advindo do luto, sobretudo por conta do lamento ritual e o processo de derramar lágrimas. O lamento ritual e o derramamento de lágrimas são retratados

como expressões autênticas e intrínsecas da dor do luto na tradição homérica. Essas emoções são consideradas parte integral da experiência humana diante da perda, destacando a profundidade e a intensidade das emoções nas narrativas épicas de Homero. Conforme destacaram diversos pesquisadores desta temática, o lamento grego não era espontâneo, mas articulado em bases sociais (GARLAND, 1985, p. 29-31; HOLST-WARHAFT, 2005, p. 86)

De acordo com estudos semânticos, como os conduzidos por Hélène Monsacré (1984, p. 171-172) e Dominique Arnould (1990, p. 144-152), a lamentação ocupa um espaço significativo em ambos os épicos homéricos, como evidenciado pela variedade de verbos utilizados para descrever o choro. Os termos gregos δάκρυ' ou δάκρυα χέειν e κλαίειν são utilizados tanto para expressar a dor individual quanto, em conjunto com γοᾶν, para descrever a lamentação ritual dos mortos. Por outro lado, o verbo ὀλοφύρεσθαι é encontrado apenas para a lamentação individual dos mortos, mas não para a forma ritual, e carrega a conotação de simpatia. O verbo γοᾶν reproduz o som de gemidos e é frequentemente utilizado para abrir ou fechar um ritual de lamentação dos mortos (FÖLLINGER, 2009, p. 20).

Outros termos, como δακρῦειν, descrevem o surgimento de lágrimas nos olhos de forma mais visual, enquanto ὀδύρεσθαι enfatiza o aspecto acústico do choro. Κλαίειν é quase sempre usado em combinação com δάκρυ e representa o verbo usado com mais frequência. A combinação βαρὺ στενάχειν ("dar um gemido profundo"), assim como o verbo οἰμῶζειν, são geralmente usados para homens, enquanto κωκύειν, especialmente combinado com ὄξυ ou λιγύ, é mais comumente encontrado em referência a mulheres. Essas formulações destacam a voz aguda e parecem expressar tristeza combinada com medo (por exemplo, HOMERO. Ilíada XXII, vv.407; Odisseia II, vv. 361), sem

que seja possível determinar diferenças de conteúdo com base em masculinidade ou feminilidade (FÖLLINGER, 2009, p. 20-21). Essas observações destacam a riqueza lexical e semântica relacionada à lamentação na tradição homérica, refletindo a complexidade das emoções e expressões de dor nos poemas épicos. As palavras utilizadas para descrever a lamentação não são restritas a um gênero específico, mas sim variadas e contextualmente influenciadas, ampliando a compreensão das emoções evocadas na tradição homérica (MONSACRÉ, 1984; ARNOULD, 1990).

O luto homérico é marcado por uma série de características que podem ser observadas nas descrições épicas. Em primeiro lugar, é comum que os enlutados, tanto homens quanto mulheres, apresentem comportamentos extravagantes, tais como choros altos, arrancar os cabelos e dilacerar o rosto. Essas reações iniciais são geralmente públicas e os companheiros de luto frequentemente tentam impedir que o enlutado se machuque seriamente. Além disso, a indulgência nesse tipo de comportamento parece proporcionar algum tipo de satisfação e é socialmente aceitável por um certo período de tempo. No entanto, após esse período, é considerado apropriado lembrar ao enlutado que um excesso prolongado de luto pode ser prejudicial. Idealmente, espera-se que o indivíduo em angústia comece a prestar mais atenção às suas próprias necessidades e realize uma refeição reconfortante (HOLST-WARHAFT, 2005, p. 94).

Outra característica importante do luto homérico é a presença de mulheres como encarregadas dos lamentos formais. Existem dois grupos distintos envolvidos nesse processo: as parentes do falecido e as enlutadas profissionais, que podem ser contratadas como artistas habilidosas ou até mesmo forçadas a lamentar sob coação. As parentes femininas geralmente cantam em sequência, expressando seus lamentos

de forma espontânea, embora seguindo uma forma ternária previsível, e são seguidas por uma resposta coral. No entanto, o conteúdo dos lamentos das enlutadas profissionais não é conhecido, sendo um aspecto recôndito desse ritual. É interessante notar que os lamentos das parentes pelos homens mortos em batalha não costumam se concentrar nos feitos heroicos dos falecidos, mas sim na situação das próprias enlutadas. Esses lamentos são considerados parte integrante dos elaborados ritos funerários na tradição homérica, desempenhando um papel importante na expressão pública e coletiva do luto (HOLST-WARHAFT , 2005, p. 94).

As lágrimas, os choros e os lamentos: contextos funerários homéricos e as expectativas dos gêneros

Ao contrário da noção de que as lágrimas são uma demonstração espontânea de emoção, na tradição grega a lamentação é uma sequência cuidadosamente orquestrada de alta intensidade. O choro e o lamento são formas reguladas social e culturalmente, que funcionam como recipientes para a expressão das emoções de pesar e tristeza, seguindo percepções e entendimentos compartilhados pela comunidade (LYNCH, 2005, p. 68).

As lágrimas no contexto do lamento não são apenas um fenômeno individual, mas também têm uma dimensão social e cultural. Elas são parte de um repertório de expressões emocionais e comportamentais que são transmitidas e ensinadas dentro de uma comunidade. As lágrimas são uma linguagem emocional que é compreendida e interpretada pelos participantes do rito de lamento, e têm um papel fundamental na comunicação das emoções ligadas ao pesar e à perda. Além disso, as lágrimas são consideradas obrigatórias nesses rituais de lamento, e sua ausência pode ser vista como uma falha no cumprimento das normas culturais e rituais. Elas são uma forma de validação da tristeza

e do pesar, e sua presença é vista como essencial para complementar e dar sentido aos rituais funerários (LYNCH, 2005, p. 68).

Nas obras homéricas, o choro e o lamento são elementos de significativa importância, como evidenciado pela riqueza semântica dos termos utilizados para descrever essas expressões emocionais. É interessante notar que não há diferenciação de gênero na manifestação da emoção de tristeza, uma vez que, diferentemente da cultura ocidental moderna, o choro não é considerado efeminado. Tanto homens quanto mulheres choram, não apenas individualmente, mas também em companhia, compartilhando e expressando coletivamente suas emoções. Além de sua presença em ocasiões especiais, como homenagens aos mortos, o choro também desempenha uma função de "alívio". A expressão das lágrimas e dos lamentos é considerada uma forma de liberar e expressar as emoções, permitindo que as pessoas vivenciem uma sensação de alívio emocional. Chorar e lamentar são vistos como uma forma válida e aceitável de lidar com a tristeza e o pesar no mundo homérico (FÖLLINGER, 2009, p. 17).

Assim, o choro e o lamento são tratados como parte intrínseca da experiência humana diante da perda e da tristeza. Eles são vistos como uma expressão legítima e até mesmo necessária das emoções, sem distinção de gênero, e são considerados como uma forma de catarse emocional, proporcionando uma sensação de alívio e liberação. Esses elementos emocionais são valorizados e compreendidos dentro do contexto cultural e social da época, destacando a importância do choro como uma forma de expressão emocional profundamente enraizada na tradição homérica (FÖLLINGER, 2009, p. 17).

A análise de pinturas em vasos de cerâmica é um suporte documental relevante, nos quais os homens são raramente representados próximos ao corpo do falecido, mas em um cortejo formal,

frequentemente com o braço direito levantado em um gesto convencional de luto. Por outro lado, as mulheres são retratadas ao redor do leito do morto, segurando a cabeça do enlutado principal, com os braços erguidos e, às vezes, batendo na própria cabeça ou puxando os cabelos. Essas representações iconográficas sugerem uma diferenciação de comportamento entre homens e mulheres durante as cerimônias fúnebres. Enquanto os homens são retratados em um papel mais cerimonial e distante do corpo do falecido, as mulheres estão mais próximas e expressam sua tristeza de forma mais intensa, com gestos mais dramáticos e emotivos (HOLST-WARHAFT, 2005, p. 86). As evidências arqueológicas reforçam a compreensão de que as lágrimas e os lamentos eram considerados elementos cruciais e obrigatórios nos rituais de luto, sendo efetivados por homens e mulheres a depender do contexto.

No desenvolvimento de um ritual fúnebre, e posteriormente durante o sepultamento, observa-se a formação de grupos de mulheres que participam de uma interação antifonal. Por meio do eco de suas vozes, elas respondem umas às outras e se apoiam mutuamente, criando um enclave afetivo que é considerado um sinal de “boa morte”. Essa interação cooperativa, em forma de diálogo entoadado, gera validação de significados tanto verbais quanto não-verbais à medida que as mulheres “pegam” o lamento umas das outras. Um elemento fundamental nesse contexto é o derramamento de lágrimas, que assume um papel crucial como significado não-verbal. Quando a dor de uma das “lamentadoras” se torna avassaladora, seu choro estilizado serve como uma espécie de catalisador, transferindo o discurso de lamento para outra mulher. Assim, as lágrimas funcionam como uma dobradiça crítica, na qual o fluxo do discurso ritual de lamento depende dessa troca emocional entre as mulheres participantes (LYNCH, 2005, p. 72). É por meio dessa interação antifonal, na qual as mulheres respondem umas às

outras, ecoam suas vozes e compartilham suas emoções, que é construído um espaço de significação compartilhada e apoio mútuo durante esse momento de despedida e luto.

As mulheres detinham o poder de representatividade no processo funerário, principalmente na expressividade deste lamento. De acordo com Alexiou,

a lamentação envolvia tanto movimento quanto lamento e canto. Como cada movimento era determinado por um padrão de ritual, frequentemente acompanhada pela música estridente dos aulos (flauta dupla), a cena deve ter parecido uma dança, às vezes lenta e solene, às vezes selvagem e em êxtase (ALEXIOU, 2002, p. 6).

Nesse contexto, o ritual de sacrifícios e oferendas também tinha uma dimensão simbólica significativa. Era uma forma de honrar os ancestrais, manter as tradições familiares e comunitárias, e estabelecer uma conexão com os antepassados falecidos. As mulheres pertencentes ao círculo familiar do decesso se reuniram junto ao túmulo, um local onde rituais de sacrifícios animais e oferendas tradicionais eram realizados em homenagem ao finado. Essas oferendas incluíam uma mecha de cabelo, vinho, óleo e comida, que eram cuidadosamente dispostas como um tributo e como um gesto de respeito aos costumes (HOLST-WARHAFT, 2005, p. 87). As mulheres, em sua função de ente querido, expressaram seu pesar e sofrimento em um momento de luto renovado. Por meio de gestos e palavras, elas compartilhavam a dor da perda e expressavam sua tristeza, manifestando suas emoções em um ato simbólico de pesar.

As práticas rituais de expressão do luto das mulheres, incluindo o choro como uma forma tangível de demonstrar a dor pela perda, ganham destaque na tradição grega do lamento. As lágrimas são consideradas símbolos palpáveis dos relacionamentos mais significativos na vida, uma vez que as "lamentadoras" poderiam não apenas cantar em nome de seus próprios mortos – como o caso das mulheres profissionais que eram contratadas por famílias abastadas –, mas

também utilizar sua própria experiência pessoal de perda para expressar a dor em um contexto mais amplo da comunidade (LYNCH, 2005, p. 80). Nesse sentido, as carpideiras poderiam ser vistas como verdadeiras “tradutoras” da dor do luto, tanto sua própria quanto a dos outros. As lágrimas efusivas, portanto, compunham parte essencial da lamentação feminina neste mundo homérico.

No auge do fervor emocional provocado pela dor acentuada, um homem pode se permitir lamentar de forma intensa, chegando quase ao limite de sua própria existência, sem incorrer em qualquer vergonha social. No entanto, é esperado que seus companheiros o resgatem e o ajudem a recuperar o controle de si mesmo. Por outro lado, como Monsacré observou em um estudo detalhado sobre o choro na *Ilíada*, as lágrimas derramadas por homens são distintas das lágrimas derramadas por mulheres em termos de sua força e espontaneidade (HOLST-WARHAFT, 2005, p. 89). Pois, como apresentamos, as mulheres tem sua espontaneidade cerceada pelo ritual.

As lágrimas do guerreiro são descritas na *Ilíada* como originadas de uma fonte escura, simbolizando morte e sofrimento, conforme evidenciado no canto IX, v. 13-15 e no canto XVI, v. 2-4. O choro masculino é caracterizado inicialmente pelos tremores ou estremecimentos do corpo, que são considerados manifestações de medo, ou por formigamentos nas narinas. As lágrimas são descritas como fecundas e ardentes, chegando ao ponto de até mesmo os cavalos de Aquiles serem mencionados como derramando lágrimas ardentes. Quando o contexto é dramático, os homens podem emitir gritos agudos. No entanto, é ressaltado que somente fora do combate os homens choram de forma similar às mulheres. Monsacré argumenta que, em outros contextos, as lágrimas são consideradas um atributo essencialmente masculino, embora tenham sido originadas do feminino,

sendo reformuladas em uma expressão masculina que amplifica a energia do herói. A autora observa que, no cerne da virilidade destes homens, estão elementos que foram extraídos do feminino, porém que o herói assume e supera, revelando sua verdadeira natureza masculina (MONSACRÉ, 1984, p. 199-201).

As motivações para o choro dos heróis na tradição homérica são variadas e, segundo Föllinger, podem ser agrupadas em lágrimas provenientes da raiva, um choro devido ao desespero, o pranto por uma reação espontânea por perda pessoal, o plangor por conta do medo, um choro de alegria, a emissão de lágrimas por saudade ou o pranto por derrota em evento esportivo (FÖLLINGER, 2009, p. 22-25). Essas lágrimas são uma forma de os personagens lidarem com suas emoções.

O choro é uma forma de expressão emocional, como evidenciado em várias passagens dos épicos homéricos. Ele é demonstrado de forma expressiva e não há diferença entre o choro de homens e mulheres nesse sentido. Por exemplo, quando Príamo e Hécuba, pais de Heitor, veem que seu filho está prestes a atacar Aquiles e não se deixam dissuadir, ambos choram (HOMERO. *Ilíada* XXII, vv. 90). No entanto, os meios de expressão verbal e não verbal que o pai e a mãe utilizam em cada caso para tentar mudar a mente do filho são de natureza diferente: Príamo emite gemidos, bate na cabeça com as mãos, arranca os cabelos e suplica ao filho que tenha piedade dele, pois estará desamparado sem sua proteção, enfrentando um destino indigno (HOMERO. *Ilíada* XXII, vv. 33; vv. 77-78). Hécuba, por sua vez, chora, mostra seu seio nu ao filho para apelar à compaixão materna e deixar claro que não poderá lamentá-lo se ele morrer diante das muralhas de Troia (HOMERO. *Ilíada* XXII, vv. 79-89). Assim, embora a expressão de angústia possa variar de acordo com a relação dos pais com o filho, o lamento aberto e o choro são comuns a ambos, inclusive em sua reação

à morte de Heitor (HOMERO. *Ilíada* XXII, vv. 405-413), quando Príamo se comporta de forma ainda mais desinibida, rastejando de dor na sujeira.

A manifestação do choro e das lágrimas nos épicos homéricos não deve ser compreendida como uma dicotomia entre os gêneros masculino e feminino, uma vez que ambos compartilham os comportamentos de sofrimento. No entanto, a diferenciação de gênero pode ser observada na maneira como os homens escondem suas lágrimas quando não é conveniente mostrá-las publicamente (HOMERO. *Odisseia* VIII, vv. 532; vv. 83-88) ou porque buscam afirmar sua masculinidade ao se distanciar das mulheres, destacando suas habilidades militares e se posicionando de forma contrastante e positiva em relação a elas (HOMERO. *Ilíada* VIII, vv. 163-165; XX, vv. 252-255). Assim, embora o choro espontâneo, aberto e sincero, acompanhado por outros sinais evidentes de luto, não seja considerado inadequado para os homens, o choro e a lamentação podem ser vistos como questões associadas às mulheres quando não são expressos de forma “espontânea” e individual, especialmente nos rituais de lamentação pelos mortos, como no momento da *próthesis*. Isso pode ser observado nas lamentações por Heitor e Pátroclo. No entanto, de acordo com a crítica de Föllinger em relação ao argumento de Van Wees, é necessário corrigir a ideia de que a participação dos homens em lamentações pelos mortos é completamente descartada, como é evidente no caso da lamentação por Pátroclo, em que Aquiles, juntamente com Tétis, lidera os mirmidões em seu lamento (HOMERO. *Ilíada* XXIII, vv. 5-17); ou quando os argivos se juntam ao canto fúnebre em homenagem a Aquiles (HOMERO. *Odisseia* XXIV, vv. 60-64) (FÖLLINGER, 2009, p. 32).

Há tempo para chorar e “saciar-se do pranto”

Segundo a afirmação da tradição homérica na fala de Aquiles a Príamo, “Pois não há proveito a tirar do frígido lamento” (Ilíada, XXIV, v. 524), notamos que há momento adequado para derramar lágrimas abundantes. Portanto, não se deve chorar o decesso muito antes ou por muito tempo depois do ocorrido. Conforme interpola Holst-Warhaft, poderíamos concluir que os lamentos expressados “no calor do momento” servem ao seu propósito? As evidências textuais sugerem que sim. Aquiles, ao lamentar a morte de seu companheiro Pátroclo, inicialmente demonstra raiva ao ver-se enlutado, enfatizando a inutilidade desse ato (Ilíada, XXIV, v 549-550; 600–20). Ele até mesmo lembra Príamo, o rei troiano, que é hora do jantar e cita o exemplo de Niobe, que após chorar por seus filhos mortos, lembrou-se de comer. O herói aqueu instrui o rei a levar o corpo de seu filho de volta a Troia para que o luto possa ser realizado adequadamente dentro do contexto ritualístico do funeral, onde o choro será conveniente. Príamo obedece e os dois compartilham uma refeição abundante. Portanto, não há indicação de que as lágrimas e lamentos pelos mortos sejam considerados inadequados para os homens, desde que ocorram em circunstâncias apropriadas. A própria Niobe, uma figura materna enlutada, é considerada por Holst-Warhaft como um modelo de luto apropriado (HOLST-WARHAFT, 2005, p. 89). Este exemplo é fundamental para a compreensão do “tempo de chorar e lamentar”: pelos mortos se chora, derrama lágrimas, lamenta até mesmo desfigurando o próprio corpo, mas, findado o tempo do ritual, deve-se retornar às práticas cotidianas e guardar o luto, mas não o demonstrar enfaticamente pelos dias seguintes.

A dor do luto cabe aos humanos suportarem, assim como é evidenciado na Ilíada com a passagem “Mas depois de ter chorado e lamentado, **sabe parar**:/ pois um coração que aguenta deram os Fados

aos homens.” (HOMERO. *Ilíada* XXIV, vv. 48-49)⁵. Na fala de Apolo é informado que há o *tempo* para lamentar o decesso. Depois disso, as atividades devem ser continuadas, pois os mortais são capazes de lidar com os falecimentos. A constituição do homem, a consciência de sua finitude, é tencionado pelo destino inevitável decidido pelas Moiras (Fados, na tradução utilizada), no qual cabe ao homem prosseguir após a lamentação, isto é, o instante de “saber parar”.

Na *Ilíada* e na *Odisseia* são demarcadas as proposições de lamentar-se pela perda até se atingir seu final de maneira adequada. Consoante às falas verificadas em ambos os épicos, deve-se chorar em lamento até estar saciado. Há que se diferenciar, no entanto, as acepções vocabulares empregadas nos termos que compõem a ideias de saciedade do pranto. De acordo com a argumentação apresentada por Christian Werner, o verbo “*korénnumai*” (*κορηννύμαι*), que denota a ação de saciar-se, difere do termo “*téropomai*” (*τέρπομαι*), que expressa o deleitar-se. Segundo o autor, *τέρπομαι* sempre implica em uma satisfação acompanhada de sentimentos positivos. Por outro lado, *κορηννύμαι*, quando utilizado com complementos como choro ou lamento, parece denotar, em primeiro lugar, um processo natural e necessário (WERNER, 2019, p. 186). No entanto, na *Odisseia*, a distinção entre a satisfação de uma necessidade e o prazer associado ao lamento não é tão clara como na *Ilíada*. Nesse contexto, a distinção entre “*korénnumai*” e “*téropomai*” parece ser mais acentuada na *Ilíada*, onde o primeiro denota um processo natural e necessário relacionado à saciedade, enquanto o segundo implica em uma satisfação acompanhada de sentimentos positivos. Por outro lado, na *Odisseia*, a relação entre a satisfação de uma necessidade e o prazer associado ao lamento é menos clara, sugerindo uma nuance complexa na

⁵ “ἀλλ’ ἦτοι κλαύσας καὶ ὀδυράμενος **μεθέηκε:**/ τλητὸν γὰρ Μοῖραι θυμὸν θέσαν ἀνθρώποισιν”

compreensão desses termos na obra homérica, conforme apontado por Werner (2019, p. 186). Outro termo utilizado para transmitir a ideia de saciedade do pranto é “ásesthe” (ἄσεσθε). A forma verbal ἄσεσθε é a segunda pessoa do plural do presente do indicativo médio-passivo, proveniente do verbo “áoo” (ἄω), que tem como sentido “deixar ir”, “abandonar” ou “libertar”.

É possível identificar, na Ilíada e na Odisseia, inúmeras situações em que as lágrimas são enfaticamente utilizadas, o lamento sendo um destes sofrimentos. O contínuo lamento de Aquiles demonstra dores sentidas antes da realização do rito funerário. Essa angústia que se inicia no canto XVIII só será findada, ou seja, completamente saciada, após a cremação seguida pela inumação do corpo de Pátroclo, que se desenvolve no canto XXIII. No entanto, os lamentos do canto XXIV são excepcionais, pois são os únicos que estão inseridos no contexto de lamentação ritual durante a prática fúnebre (PERKELL, 2008, p. 96).

Ao nos concentrarmos apenas nas passagens textuais dos épicos em que se destacam a ideia de saciedade do pranto, sem nos determos nas questões de ordenamento do ritual fúnebre em si, elencamos cinco passagens, apenas uma presente na Odisseia.

Dois excertos que utilizam o verbo κορηννύμαι referem-se ao luto de um parente consanguíneo, os pais e um irmão respectivamente. O fim do sofrimento, ou seja, a saciedade da dor, seria alcançado somente após dedicar tempo para sentir a angústia, bem como a possibilidade de demonstrar publicamente a tristeza. Desta maneira, na primeira passagem é escrito que “Assim teríamos **saciado do pranto e da lamentação**,/ a mãe que o deu à luz para a sua desgraça e eu próprio.” (HOMERO. Ilíada XXII, vv. 427-428)⁶. Na fala de Príamo é destacada

⁶ “τὼ κε κορῆσσάμεθα κλαίοντέ τε μυρομένω τε/ μήτηρ θ’, ἢ μιν ἔτικτε δυσάμμορος, ἦδ’ ἐγὼ αὐτός.”

necessidade de um dado tempo para as demonstrações de pesar que o falecimento de um ente demanda como norma dos ritos funerários. A expressão emocional é fundamental para o processamento e a superação de traumas. O choro é uma das formas mais comuns de expressão emocional e pode ajudar a liberar a tensão emocional acumulada. A saciedade do choro pode ser um indicador de que a pessoa está avançando no processo de recuperação. A sensação de alívio temporário que vem com a expressão emocional intensa pode indicar que a pessoa está liberando suas emoções de forma saudável, o que é importante para a redução do estresse e da ansiedade. Portanto, nessa passagem, o rei troiano fala sobre saciar o pranto e a lamentação ilustra a importância da expressão emocional e da saciedade do choro no processo de recuperação emocional após experiências traumáticas. E, ainda de acordo com Judith Herman (2015, p. 62), a expressão emocional é uma parte fundamental do processo de recuperação.

A segunda passagem analisada, extraída do Odisseia, nos informa que “Chorei sentado no areal, viver ou ver/ a luz do sol desaprazia à minha alma./ **Saciado de chorar e de rolar no chão**” (HOMERO. Odisseia IV, vv. 540-542)⁷. Menelau, rei de Esparta, descreve seu sofrimento saber do assassinato do irmão, produzindo seu choro e a transformação do corpo ao sujar-se no chão. Ao contemplar o pôr do sol e o nascer, o rei espartano sentia que a luz solar desaprazia à sua alma. A saciedade do choro é um fenômeno descrito pela psicologia, segundo Susan Nolen-Hoeksema, que ocorre quando um indivíduo chora intensamente até se sentir emocionalmente aliviado, como se tivesse esgotado suas emoções. Esse alívio é temporário e pode ser seguido por uma sensação de esgotamento emocional (NOLEN-HOEKSEMA, 2014, p. 266). A experiência de Menelau sugere que ele passou por um processo de

⁷ “κλαῖον δ’ ἐν ψαμάθοισι καθήμενος, οὐδέ νύ μοι κῆρ/ ἦθελ’ ἔτι ζῶειν καὶ ὄραν φάος ἡελίοιο./ αὐτὰρ ἐπεὶ κλαίων τε κυλινδόμενός τε κορέσθην”

catarse emocional, que é comum em situações de luto e trauma. A catarse emocional é um processo terapêutico em que uma pessoa é encorajada a expressar e liberar suas emoções, como forma de processar e superar experiências difíceis (NOLEN-HOEKSEMA, 2014, p. 267).

A saciedade com o verbo τέρπομαι, no sentido de deleitar-se do sofrimento lacrimoso, aparece em uma passagem da Ilíada. Nela, o choro é compartilhado por homens e mulheres que compõem o grupo aqueu. Iniciando a lamentação ritual, Aquiles insta que

nos aproximemos/ para lamentarmos Pátroclo, pois essa é a honra devida aos mortos./ Depois que nos tenhamos **saciado do triste pranto** (...) e eles lamentaram-se juntos, liderados por Aquiles./ Três vezes em torno do morto conduziram os corcéis de belas crinas./ carpindo. E entre eles Tétis lhes despertou o desejo de chorar./ Humedeceram-se as areias, humedeceram-se as armas dos homens/ com lágrimas (...) E entre eles foi o Pelida que iniciou o lamento violento” (HOMERO. Ilíada XXIII, vv. 8-10; 12-16; 18).⁸

Após a morte de Heitor por Aquiles, o herói e seus companheiros passam a lamentar Pátroclo. Destaca-se a efusividade na performance desempenhada com as lágrimas – que o sofrimento deles inclusive influenciam na tristeza e no choro de Tétis. A lamentação é em voz alta, por isso o termo γόος se articula com o uso de κλαίω e οἰμῶζω para reforçar e ampliar o sofrimento. Com a expressividade emocional realizada, no qual o choro é algo coletivo, há a saciedade, também coletiva, do pranto. Segundo John Burke (2013, p. 560), o luto na antiguidade helena tinha um papel importante na consolidação dos laços sociais, mas também era controlado por normas culturais rígidas.

⁸ “ἄρμασιν ἄσσον ἰόντες/ Πάτροκλον κλαίωμεν: ὁ γὰρ γέρας ἐστὶ θανόντων./ αὐτὰρ ἐπεὶ κ’ ὄλοοιτο **τεταρπόμεσθα γόοιο** (...) οἱ δ’ ὤμωξαν ἀολλέες, ἦρχε δ’ Ἀχιλλεύς./ οἱ δὲ τρεῖς περὶ νεκρὸν ἐϋτρίχας ἤλασαν ἵππους/ μυρόμενοι: μετὰ δὲ σφί Θετίς γόου ἵμερον ὤρσε./ δεύοντο ψάμαθοι, δεύοντο δὲ τεύχεα φωτῶν/ δάκρυσσι (...) τοῖσι δὲ Πηλεΐδης ἀδινοῦ ἐξήρχε γόοιο”

Assim, a “saciedade do triste pranto” era um momento crucial para a retomada da vida cotidiana.

Com o intuito de retornar à normalidade da vida cotidiana, já no procedimento final do enterramento de Pátroclo, é Aquiles, quem mais chorou e lamentou o companheiro, que convoca o fim do sofrimento. Nesta passagem o verbo utilizado é ἄσασθε, no qual abandona-se o sofrimento sentido, retirando-o da ordem primeira da vida. O excerto centra-se no reforço da ideia de Aquiles em por fim ao lamento choroso após findar os rituais fúnebres de Pátroclo, “É possível chegar-se à **saciedade do pranto**,/mas por agora manda-os embora da pira e diz-lhes que preparem/ a refeição.” (HOMERO. *Ilíada* XXIII, vv. 157-159)⁹. Os versos em questão nos remetem a uma ideia de saciedade em relação às emoções, mais especificamente ao choro. O termo “saciedade” se refere a uma sensação de plenitude ou satisfação, indicando que há um limite para a quantidade de choro que alguém pode produzir em determinado momento. Nesse sentido, a ideia é que, por mais intensa que seja a dor ou sofrimento, em algum momento é possível atingir um estado de saciedade emocional e cessar o choro. No contexto da passagem, a sugestão é que os choros dos personagens sejam deixados de lado momentaneamente, para que eles possam se dedicar a outras atividades, como preparar uma refeição. Isso sugere que, apesar da intensidade do sofrimento, a vida continua e é preciso seguir adiante, buscando outras formas de se ocupar e de se manter ativo. É possível interpretarmos esta passagem como um reflexo do processo de elaboração do luto, em que o indivíduo passa por uma série de fases emocionais, incluindo a negação, a raiva, a tristeza e a aceitação. A ideia de saciedade emocional sugere que, em algum momento, é possível atingir um estado de aceitação e superação do

⁹ “**γούιο** μὲν ἔστι καὶ ἄσαι./ νῦν δ’ ἀπὸ πυρκαϊῆς σκέδασον καὶ δεῖπνον ἄνωχθι/ ὄπλεσθαι”

sofrimento, o que permite que o indivíduo volte a se dedicar a outras atividades e a retomar a rotina.

A segunda passagem que utiliza o verbo ἄσσεσθε apresenta a chegada do corpo de Heitor em Troia, momento de ampla comoção cidadina, de homens e mulheres indistintamente. Conforme narra o épico,

A todos sobreveio uma dor impossível de suportar. Junto dos portões encontraram Príamo trazendo o morto./ As primeiras a arrancarem os cabelos para ele foram a esposa amada/ e a excelsa mãe, que se atiraram ao carro de belas rodas/ e lhe seguraram a cabeça. Toda a multidão ao redor chorava./ E agora durante todo o dia até o pôr do sol teriam/ chorado Heitor, vertendo lágrimas à frente dos portões, se do carro não tivesse dito o ancião ao povo:/ 'Abri caminho para a passagem das mulas. Seguidamente/ **vos saciareis do pranto**, quando eu o tiver levado para casa.'" (HOMERO. *Ilíada* XXIV, vv. 708-717)¹⁰

A passagem demonstra as corporeidades do luto quando o corpo de Heitor adentra a cidade troiana. Todos precisam lidar com uma dor indizível e o desejo de prantear o herói decesso. As mulheres da família são as primeiras a modificar a aparência, pois arrancam os cabelos e os dedicam à Heitor. De igual modo, elas põem-se a chorar efusivamente sobre o corpo por tempo prolongado – somente impedido pelo rei que deseja realizar o adequado ritual funerário. Assim, podemos inferir que Príamo entende que o luto é importante, mas também é necessário que o corpo de Heitor receba os rituais funerários adequados. Nesta cena há uma forte carga emocional presente. A ideia de saciar-se do pranto é apresentada, coadunando com a interpretação de existência de um período que limita a demonstração de luto para um momento adequado e, que por conseguinte, deve ser findado.

¹⁰ “πάντας γὰρ ἀάσχετον ἴκετο πένθος;/ ἀγχοῦ δὲ ξύμβληντο πυλάων νεκρὸν ἄγοντι./ πρῶται τὸν γ’ ἄλοχός τε φίλη καὶ πότνια μήτηρ/ τιλλέσθην ἐπ’ ἄμαξαν ἐὔτροχον αἴξασαι/ ἀπτόμεναι κεφαλῆς: κλαίων δ’ ἀμφίσταθ’ ὄμιλος./ καὶ νῦ κε δὴ πρόπταν ἦμαρ ἐς ἡέλιον καταδύντα/ Ἔκτορα δάκρυ χέοντες ὀδύροντο πρὸ πυλάων./ εἰ μὴ ἄρ’ ἐκ δίφροιο γέρων λαοῖσι μετηύδα:/ ‘εἴξατέ μοι οὐρεῦσι διελθέμεν: αὐτὰρ ἔπειτα/ **ἄσσεσθε κλαυθομοῖο**, ἐπὴν ἀγάγωμι δόμον δέ’”

Conclusões

Em nossa análise de “saciedade do pranto”, evidenciamos os verbos e suas aplicações nas passagens elencadas e, a partir disto, foi possível argumentar que a concepção de “se saciar” se aproxima, no imaginário heleno, de um certo prazer. Deve-se, portanto, chorar efusiva e violentamente se o contexto for propício, mas, uma vez tendo sido realizado os rituais funerários do falecido, é crucial suspender o sofrimento para a realização das atividades. A tradição homérica, portanto, nos fornece um espaço propício para a construção de representações acerca do imaginário do luto e sobre a concepção de finitude deste sofrimento.

Na lamentação, ritualizada ou não, homens e mulheres desempenham performances, dentre as quais o choro descomedido. As lágrimas têm um papel importante na expressão e comunicação das emoções associadas à tristeza e perda em rituais de luto. Elas são consideradas um meio de validação da dor emocional e seu uso é esperado como um cumprimento das normas culturais e rituais. Como linguagem emocional, as lágrimas são interpretadas pelos participantes do rito de lamento e são essenciais para complementar e dar sentido aos rituais funerários. Argumentamos que a expressão emocional do choro e das lágrimas na poesia épica homérica não deve ser interpretada como uma dicotomia de gênero entre masculino e feminino, uma vez que ambos os sexos compartilham comportamentos de sofrimento. Contudo, é possível observar uma diferenciação de gênero na forma como os homens dissimulam suas lágrimas quando não convém exibi-las publicamente ou quando buscam afirmar sua masculinidade ao distanciar-se das mulheres.

Podemos concluir, portanto, que os poemas épicos homéricos abordam uma variedade de emoções, incluindo o luto, que transforma

o indivíduo e se manifesta em componentes como mudanças corporais, lamentações e choro efusivo. As lágrimas são consideradas essenciais para complementar e dar sentido aos rituais funerários. Nas passagens selecionadas, fica evidente a importância de um luto adequado, que deve ser realizado até que se alcance um estado de saciedade emocional após o enterramento do decesso. A tradição homérica fornece, assim, um espaço propício para a construção de representações sobre o imaginário do luto e a concepção de finitude deste sofrimento.

Referências:

A. Documentação textual

HOMERO. *Íliada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: **Livros Cotovia**, 2005.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: **Editora 34**, 2012.

B. Bibliografia

ALEXIOU, M. *The Ritual Lament in Greek Tradition*. 2 ed. Maryland: **Rowman & Littlefield Publishers, INC**, 2002.

ARNOULD, D. *Le rire et les larmes dans la littérature grecque d'Homère à Platon*. Paris: **Les Belles Lettres**, 1990.

FÖLLINGER, S. *Tears and Crying in Archaic Greek Poetry (especially Homer)*. In: F ÖGUEN, Thorsten. (Ed.). *Tears in the Graeco-Roman world*. Berlim: **Walter de Gruyter**, 2009, p. 17-35.

GARLAND, R. *The Greek Way of Death*. Ithaca: **Cornell University Press**, 1985.

HERMAN, J. L. *Trauma and Recovery: The Aftermath of Violence--From Domestic Abuse to Political Terror*. **Basic Books**, 2015.

HOLST-WARHAFT, G. *Mourning in a man's world: the Epitaphios Logos and the banning of laments in fifth century Athens*. In: *Dangerous voices – women's laments and Greek literature*. Londres: **Taylor & Francis**, 2005, p. 91-112.

LYNCH, G. O. P. "Why Do Your Eyes Not Run Like a River?" *Ritual Tears in Ancient and Modern Greek Funerary Traditions*. In: PATTON, K. C.; HAWLEY,

J. S. (org). Holy Tears – Weeping in the religious imagination. Princeton: **Princeton University Press**, 2005, p. 68-82.

MONSACRÉ, H. Les Larmes d'Achille: Le héros, la femme et la souffrance dans la poésie d'Homère. Paris: **Albin Michel.**, 1984.

NAGY, Gregory. Greek literature in the archaic period. **Hackett Publishing**, 2019.

NOLEN-HOEKSEMA, S. Abnormal Psychology. Boston: **McGraw Hill Higher Education**, 2014.

PERKELL, C. Reading the laments of Iliad 24 In: SUTER, A. Lament: studies in the Ancient Mediterranean and Beyond. Oxford: **Oxford University Press**, 2009, p. 93- 109.

WERNER. C. "O tema da saciedade e a representação do guerreiro na Ilíada". **Clássica**. v. 32, n. 2, p. 181-197, 2019.